

Proyecto Amphorae
REAL ACADEMIA DE LA HISTORIA

ÈPIGRAFÍA ANFÓRICA.

Workshop. Barcelona, 9-10 mayo 2003.

J. Remesal Rodríguez (Ed.)

Col·lecció
INSTRUMENTA  17

Barcelona 2004

EPIGRAFIA ANFÓRICA LUSITANA: UMA PERSPECTIVA

CARLOS FABIÃO; AMÍLCAR GUERRA
Universidade de Lisboa

Resumo:

O estudo da epigrafia anfórica da Lusitânia encontra-se ainda numa fase incipiente, mais do que o estudo dos próprios contentores e do seu significado. Este contributo pretende ser uma primeira síntese, de carácter preliminar, sobre esse domínio da investigação. Analisam-se as marcas e grafitos, não apenas os já conhecidos, mas ainda um conjunto de materiais inéditos, procurando esboçar um quadro relativamente actualizado.

Identificam-se e caracterizam-se dois hábitos epigráficos coevos, mas independentes: marcas impressa e grafitos, ambos circunscritos a um âmbito cronológico dos sécs. I e II d.C.. As primeiras são pouco frequentes e apresentam na maior parte dos casos *tria nomina*, sobre ânfora da Classe 20/21 (= Dressel 14 / Beltrán IV), com a excepção notória do centro oleiro do Porto dos Cacos onde as marcas ocorrem somente sobre contentores da forma Lusitana 3. Em vários centros oleiros não se conhece nenhuma marca contrariamente ao que sucede com os grafitos, invariavelmente presentes. Nestes últimos, observa-se uma repartição entre elementos de natureza numérica e alfabética, para além do registo de alguns símbolos, geralmente mais raros.

Ambos hábitos epigráficos se perdem ao longo do tempo, não se registando qualquer marca a partir do séc. III, sendo muito raros também os grafitos desta época.

Abstract:

The study of Lusitanian amphorae epigraphs is not improved contrary of the formal archaeological study. The aim of this paper is to presents a general view of published and some unpublished evidence on stamps and *graffiti*.

Both epigraphic habits date from first and second centuries AD but were not totally related. Stamps are rare or absent, in some pottery centres, but the *graffiti* are always present. *Tria nomina* stamps revealed the Roman origin of the Lusitanian amphorae production and one can find them on Class 20/21 (= Dressel 14 / Beltrán IV) amphorae. The stamps at Porto dos Cacos are present on Lusitanian 3-amphora type and only one present the common *tria nomina*. The *graffiti* included both numeric and alphabetic signs and some rare iconic representations.

Both epigraphic habits disappeared through the ages, as stamps are totally absent from Third century on and the *graffiti* are very rare.

1. INTRODUÇÃO: BREVE SÍNTESE SOBRE AS ÂNFORAS LUSITANAS

Embora a investigação sobre a produção de ânforas na área da antiga província romana da *Lusitania* se possa considerar bastante precoce, começou no século XIX, com a escavação de um forno em S. Bartolomeu de Castro Marim, na zona do baixo Guadiana¹, não se pode dizer que o tema tenha conhecido um especial interesse por parte dos investigadores até datas bastante recentes. Como não poderia deixar de ser, a escassez de informação reflectiu-se na principal bibliografia genérica sobre a produção de contentores cerâmicos de transporte. De facto, são meramente episódicas as referências ao extremo ocidente peninsular na obra de M. Beltrán Lloris (1970) e mesmo mais tarde, numa época em que se assistiu a um significativo incremento dos estudos anfóricos um pouco por toda a Europa, com resultados apresentados em sucessivos colóquios promovidos pela École Française de Rome², as ânforas lusitanas estão praticamente ausentes, excepção feita a um artigo genérico de A. Parker, mais revelador do grande desconhecimento que então existia, do que rico em nova informação³. Somente na década de 80 do século XX, se verificou alguma alteração neste panorama, quer pelo desenvolvimento de observações na bacia do Sado (mais do que por pesquisas sistemáticas), quer por investigações de maior fôlego na bacia do Tejo (até então uma área absolutamente desconhecida, no que respeita ao estudo de centros de produção de ânforas), ou ainda pela valorização de alguma informação nova e outra já conhecida na zona do Algarve. Paralelamente, desenvolviam-se programas de arqueometria, com vista à caracterização petrográfica e química dos fabricos já identificados. Um balaço geral destas aquisições e da dinâmica da investigação em curso nessa altura pode ver-se nas *actas* da mesa-redonda reunida em Conimbriga, justamente nos finais da década⁴. Após o encontro conimbricense, continuaram os trabalhos em várias áreas, designadamente no baixo Tejo, no baixo Sado e, nos últimos anos, na zona de Peniche, a zona produtora mais setentrional, conhecida na sequência de uma descoberta fortuita, que conduziu à realização de pesquisas de maior fôlego. Mas o esforço de reunião e debate das questões suscitadas por estes novos estudos, que ainda conheceu alguma continuidade nos anos seguintes, quer pela realização de um novo encontro no Seixal, dois anos depois⁵ e, em menor escala, numa mesa-redonda promovida aquando da apresentação do respectivo volume de *actas*⁶, não teve seguimento.

¹ J. L. VASCONCELLOS, Excursão archeologica ao sul de Portugal, *O Archeólogo Português*, 4, 1898, 103-134.

² VV.AA., *Recherches sur les amphores romaines (Colloque, Roma, 1971)*, Roma, EFR, 1972; VV.AA., *Méthodes classiques et méthodes formelles dans l'étude des amphores (Colloque, Rome, 1974)*, Roma, EFR, 1977 e VV.AA., *Amphores romaines et histoire économique (Colloque, Siena, 1986)*, Roma, EFR, 1989.

³ A. J. PARKER, Lusitanian Amphoras, VV. AA., *Méthodes classiques et méthodes formelles...*, 35-46.

⁴ A. ALARCÃO; F. MAYET (eds.), *As ânforas lusitanas. Tipologia, produção, comércio (Actas da mesa-redonda de Conímbriga, 1988)*, Coimbra/Paris, MMC/Diff. E. De Boccard, 1990.

⁵ G. FILIPE; J.M.C. RAPOSO (eds.), *Ocupação romana dos estuários do Tejo e do Sado (Actas das jornadas, Seixal, 1991)*, Lisboa, D. Quixote, 1996.

⁶ V. *Al-madan*, II série, 5, 1996, 180-183.

No entanto, se esmoreceu o ambiente de diálogo e debate entre os distintos programas de investigação em curso, o que é a todos os títulos lastimável, não abrandou a investigação propriamente dita, nem a publicação de novos dados. Assim, e apesar de todas as dúvidas e lacunas de informação que ainda subsistem, é possível esboçar, de um modo muito esquemático, alguns elementos de síntese, com interesse para o enquadramento da problemática epigráfica.

1 -) Em primeiro lugar, deve sublinhar-se que o desenvolvimento de uma produção de contentores cerâmicos para o transporte de artigos alimentares no extremo ocidente peninsular parece ser um processo fundamentalmente romano. Isto é, embora se possa aceitar a existência de uma etapa pré-romana, em que se teriam fabricado ânforas com morfologia dita “íbero-púnica”, como parecem sugerir alguns indícios, nunca cabalmente esclarecidos, tanto em Alcácer do Sal, como em Castro Marim, nenhuma continuidade se documenta entre essa hipotética fase e a propriamente romana, não havendo, por exemplo, nada que se possa atribuir à época republicana, contrariamente ao que se verifica, por exemplo, na baía gaditana. Pode mesmo acrescentar-se que a suposição de uma fase antiga para a produção de ânforas no extremo ocidente peninsular se baseia mais em argumentos de senso comum do que propriamente em provas arqueológicas.

2 -) Existe uma forte relação entre produção de ânforas e exploração de recursos marinhos. De facto, os principais centros produtores estão implantados em zonas costeiras, nas margens de rios navegáveis e em fundos de estuário, nas proximidades de locais com cetárias. Parece também razoavelmente demonstrado o facto de se destinarem ao transporte de preparados de peixe a esmagadora maioria dos contentores fabricados. Tal suposição assenta e observações directas - *tituli picti* e macrorrestos no interior de contentores - e em deduções resultantes da localização dos centros oleiros⁷. O que não significa, porém, que não possam ter sido produzidos, paralelamente, contentores destinados ao transporte de outros artigos, como o vinho⁸ - facto que poderá ter, inclusivamente, uma expressão epigráfica no grande centro oleiro de Porto dos Cacos, Alcochete, como haverá oportunidade de comentar.

3 -) De um ponto de vista geográfico, os centros produtores localizam-se nas proximidades de locais onde se verifica uma apreciável concentração de unidades de produção de preparados de peixe, sendo notória a relação espacial entre uns e outros, com as unidades de fabrico de preparados de peixe junto à foz de grandes rios e os centros oleiros instalados no fundo dos estuários ou, mais a montante, nas margens dos rios: por exemplo, no baixo Sado; no baixo Tejo, no baixo Guadiana. Há, todavia excepções notórias a este modelo. Por exemplo, em Peniche, a localização do centro oleiro é francamente litoral, tal como sucede em várias olarias do Algarve. Não existe uma explicação de natureza cronológica para esta diferença, uma vez que o centro oleiro de Peniche terá funcionado somente no século I d.C.⁹; enquanto que os outros, mais meridionais, são todos tardios, datáveis do século III d.C. em diante¹⁰.

⁷ R. ETIENNE, *Que transportaient donc les amphores lusitaniennes?*, A. ALARCÃO; F. MAYET (eds.), *As ânforas lusitanas...*, 15-19.; C. FABIÃO; A. GUERRA, *Sobre os conteúdos das ânforas lusitanas*, *II Congresso Peninsular de Historia Antiga (Coimbra, 1990) – Actas*, Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1993, 995-1016.

⁸ C. FABIÃO, *O vinho na Lusitânia: reflexões em torno de um problema arqueológico*, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 1:1, 1998, 169-198.

⁹ G. CARDOSO; J.L. GONÇALVES; S. RODRIGUES, *Forno romano de cerâmica descoberto em Peniche*, *Al-Madan*, II série, 1998, 7, 178-179 e G. CARDOSO; S. RODRIGUES, *4ª Campanha de sondagens arqueológicas na olaria romana do Morraçal da Ajuda (Peniche)*, *Al-Madan*, II série, 11, 2002, 6.

¹⁰ C. FABIÃO, *O sul da Lusitânia (Algarve português) e a Baetica: concorrência ou complementaridade?*, *Congreso Internacional Ex Baeticae Amphorae (Sevilla-Écija, 1998)*, II, Écija, 2000, p. 717-730.

4 -) A investigação desenvolvida tem abrangido vários campos: o arqueológico, propriamente dito, com escavações em centros produtores de preparados de peixe e em centros oleiros, com ensaios de caracterização tipológica das ânforas¹¹, mas também com análises petrográficas e de caracterização química de matérias-primas. É justamente esta investigação onde convergem distintas perspectivas de análise que nos permite afirmar que não possuímos ainda um conhecimento detalhado de todas as centros oleiros e respectivas produções. No que concerne à epigrafia anfórica, conhecemos duas marcas, encontradas em Conimbriga, que poderão ser lusitanas¹², embora não tenhamos nenhuma informação sobre os centros oleiros de onde poderiam ter saído.

5 -) Cronologicamente, as mais antigas produções poderão remontar ao período Júlio-Cláudio e estão documentadas no baixo vale do Sado, tanto na área urbana de Setúbal (largo da Misericórdia), como na região de Alcácer do Sal, nos centros oleiros de Pinheiro e Abul¹³; e, aparentemente, no Morraçal da Ajuda, Peniche¹⁴.

6 -) A norma geral parece ser a da longa diacronia de laboração dos centros oleiros. Assim se verifica no Porto dos Cacos, Alcochete (baixo Tejo); Zambujalinho, Quinta da Alegria, Pinheiro, Xarrouqueira/Vale da Cepa e Abul, no baixo Sado; eventualmente, S. Bartolomeu de Castro Marim, no baixo Guadiana. Há, contudo, outros casos, em que os centros oleiros teriam funcionado somente no séc. I d.C., como parecem ser os casos do Morraçal da Ajuda, Peniche; Garrocheira, no baixo Tejo; Largo da Misericórdia, Bugio e Barrosinha, no baixo Sado, embora nestes dois últimos se possa admitir um prolongamento pela centúria seguinte. Também há centros oleiros que terão sido instalados e funcionado somente no Baixo Império, como os de Quinta do Rouxinol, no baixo Tejo; e a maior parte dos centros algarvios, Martinhal, S. João da Venda, Quinta do Lago, Torre de Aires (?) e Manta Rota. Sublinhe-se, porém, que a informação disponível para os diferentes centros oleiros é muito desigual. Há locais extensamente escavados, outros somente sondados e ainda aqueles que foram somente prospectados, para não falar dos conhecidos por notícias e recolhas antigas, pelo que muitas reservas se poderão levantar a esta apreciação sumária e grosseira.

7 -) A produção de ânforas estendeu-se até ao final do século V d.C., embora não sejam muito numerosos, nem seguros os elementos cronológicos relacionados com as fases finais da produção. Apesar das incertezas, não será de excluir a hipótese de, em algumas áreas, a produção se ter prolongado até épocas ainda mais tardias ultrapassando, pois, aquilo a que formalmente se pode chamar o “período romano”, como alguns indícios parecem sugerir¹⁵.

¹¹ A. M. D. DIOGO, Quadro tipológico das ânforas de fabrico lusitano, *O Arqueólogo Português*, série IV, 5, 1987, 179-191 (publicado, de facto, em 1991); C. FABIÃO, Sobre a tipologia das ânforas da Lusitânia, G. FILIPE; J. M. C. RAPOSO (eds.), *Ocupação romana dos estuários...*, 371-390; F. MAYET; A. SCHMITT; C. T. SILVA, *Les amphores du Sado (Portugal). Prospection des fours et analyse du matériel*, Paris, Diff. E. De Boccard, 1996; F. MAYET, F., *Les amphores lusitaniennes, Céramiques Hellénistiques et Romaines*, 3, 2001, 277-293; C. FABIÃO, Novidades sobre o Sado? Alguns comentários sobre um livro recente, *Vipasca - Arqueologia e história*, 6, 1997, 159-169.

¹² J. ALARCÃO, *Les Amphores*, J. ALARCÃO; R. ÉTIENNE (dir.), *Fouilles de Conimbriga VI. Céramiques diverses et verres*, Paris, Diff. E. De Boccard, 1976, 89, Pl. XXII, n° 57 e 58.

¹³ C. T. SILVA, Produção de ânforas na área urbana de Setúbal: a oficina romana do Largo da Misericórdia, G. FILIPE; RAPOSO (eds.), *Ocupação romana dos estuários...*, 43-54; F. MAYET; A. SCHMITT; C. T. SILVA, *Les amphores du Sado...*, 16-17; F. MAYET; C. T. SILVA, C.T., *L'atelier d'amphores de Pinheiro (Portugal)*, Paris, Diff. E. De Boccard, 1998; F. MAYET; C. T. SILVA, C. T., *L'atelier d'amphores de Abul (Portugal)*, Paris, Diff. E. De Boccard, 2002.

¹⁴ G. CARDOSO; J. L. GONÇALVES; S. RODRIGUES, S., Forno romano...; G. CARDOSO; S. RODRIGUES, 4ª Campanha de sondagens arqueológicas...

¹⁵ C. FABIÃO, O comércio dos produtos da Lusitânia transportados em ânforas no Baixo Império, G. FILIPE; J. M. C. RAPOSO (eds.), *Ocupação romana dos estuários...*, 329-342.

2. EPIGRAFIA ANFÓRICA DA LUSITÂNIA

Embora se conheçam *tituli picti* sobre ânforas de tipos produzidos na área lusitana, optámos por não os considerar aqui, por um lado, por não ser segura a origem dos contentores, por outro, por não haver qualquer garantia de que tais inscrições se relacionem com processos de distribuição originários da Lusitânia.

Uma das principais ideias que sedimentou no âmbito dos estudos de ânforas romanas, depois do congresso *ex baetica amphorae* (Sevilha/Écija, 1998) foi a de poderem ter sido usados contentores béticos no transporte de artigos lusitanos ou da Mauritânia. Assim sendo, insinua-se uma dúvida sistemática, quanto à real proveniência dos conteúdos em todas as ânforas béticas encontradas em centros de consumo ou naufrágios. Isto é, não está de modo algum excluída a possibilidade de alguns contentores fabricados nesta região poderem ter transportado conteúdos originários de outras paragens, designadamente da Lusitânia. Por outro lado, independentemente dessa dúvida, sempre se questionou o contexto preciso da aposição de inscrições pintadas nas ânforas, pelo que se pode dizer que tais inscrições se relacionam sobretudo com o processo de envase e distribuição, não tanto com o da produção cerâmica propriamente dita.

Ocupar-nos-emos aqui somente dessa epigrafia da produção, consubstanciada em marcas impressas e grafitos, ambas inegavelmente relacionadas com as actividades de moldagem e cozedura dos contentores, portanto, seguramente lusitanas, deixando de parte a suposta epigrafia da distribuição, não necessariamente local. Acrescente-se que também não abundam os dados desta última. Damos particular atenção aos grafitos, por constituírem uma relevante expressão do hábito epigráfico nos centros oleiros da Lusitânia, embora frequentemente relegado para um plano secundário, pelas dificuldades que suscita a sua descodificação e interpretação. Embora não tenhamos a pretensão de apresentar qualquer proposta inovadora de leitura deste hábito, cremos que será essencial a sistemática publicação dos casos conhecidos, para que se consiga começar a entender quais as normas que terão presidido à sua elaboração.

O que seguidamente se apresenta constitui um primeiro ensaio de síntese da informação publicada e da que, estando inédita, chegou ao nosso conhecimento. Um projecto de investigação mais especificamente relacionada com a epigrafia anfórica lusitana, visando um levantamento sistemático e o mais exaustivo possível de fundos de museus e acervos de escavações recentes ainda não publicados, ensaia ainda os primeiros passos. Somente em alguns casos tivemos acesso directo aos materiais que apresentamos, pelo que optámos, na maioria dos casos, por transcrever a informação publicada e disponível.

Uma primeira observação deve fazer-se. A epigrafia sobre materiais cerâmicos da *Lusitania* parece ter sido, até onde chegam os nossos conhecimentos, uma realidade fundamentalmente anfórica. De facto, apesar de muitos dos centros oleiros também terem produzido outros materiais (cerâmica de construção e cerâmica comum), não se conhecem marcas impressas sobre ânforas e sobre outros materiais - num único caso, no complexo de Xarrouqueira / Vale da Cepa, foi identificada uma marca impressa sobre um *dolium*, mas diferente das marcas conhecidas sobre ânforas daquele centro produtor - refira-se, no entanto, que o local nunca foi objecto de escavação, pelo que esta observação tem um alcance limitado.

Por outro lado, toda a epigrafia conhecida sobre materiais de construção na Lusitânia (*tegulae* ou *lateres*) não tem expressão em ânforas. A conjugação destas duas observações parece sugerir uma

relativa autonomia dos dois âmbitos de produção cerâmica. Finalmente, algum leitor poderá estranhar a ausência de um conjunto de marcas impressas sobre ânforas do tipo Keay XVI (= Classe 22 / Almagro 50), que chegaram a ser tidas como fabricos do Algarve português¹⁶. Essas marcas não foram consideradas, uma vez que nos parece óbvio tratar-se de materiais produzidos fora do espaço hoje português, eventualmente da *Baetica*, pelas razões já apontadas em outro local e que, por isso mesmo, nos dispensamos de reproduzir aqui¹⁷.

2.1. Marcas impressas

As marcas impressas em ânforas lusitanas não são numerosas (em variedade), nem abundantes (em quantidade). Circunscrevem-se à fase antiga da produção (séculos I e II) e às formas, genericamente englobáveis, nas Classes 20/21 (= Dressel 14 / Beltran IV b) ou seus antecedentes imediatos, com uma notória excepção no centro oleiro do Porto dos Cacos, Alcochete, onde se regista um significativo hábito epigráfico relacionado com uma forma concreta de ânfora, presumivelmente vinária, que reproduz modelos de origem gaulesa, e que a investigação portuguesa tem classificado como tipo *Lusitana 3*, na esteira das propostas de Dias Diogo¹⁸, ainda que outros autores prefiram considerá-la um subtipo da Classe 23 (= Almagro 51c)¹⁹.

2.1.1. Peniche

Morraçal da Ajuda (Peniche) :

Complexo oleiro identificado no decurso de obras e sujeito a uma intervenção de salvamento que ainda decorre²⁰. Trata-se de vários fornos, pelo menos quatro, que terão sido utilizados para fabricar ânforas e outras cerâmicas²¹. Presentemente, dispomos somente de algumas notícias preliminares. Guilherme Cardoso que dirige as escavações no sítio, forneceu-nos gentilmente algumas informações suplementares, pelo que aqui fica a expressão da nossa gratidão.

Foi identificada e está já sumariamente publicada uma marca impressa, sobre ânforas que representam as mais antigas formas produzidas na Lusitânia, ainda insuficientemente caracterizadas, mas que registam notórias afinidades com formas béticas datáveis da mudança da Era (Dr. 7- 11 e Haltern 70):

LARVENRVSTICI

directa, cartela simples, *in colo*, *litt. stantibus*²²

Todas as marcas recolhidas no local correspondem ao mesmo indivíduo, ainda que com punções distintos. Refira-se, contudo, que existem outras marcas, com características análogas (impressas *in colo*, com cartelas simples e *litt. stantibus*), encontradas na Berlenga, em contextos subaquáticos próximos, e em Lisboa, sobre ânforas com características de fabrico análogas às do Morraçal da Ajuda, mas com outros nomes impressos- marcas distintas, portanto.

¹⁶ M. L. E. V. S. PEREIRA., Marcas de oleiros algarvios do período romano, *O Arqueólogo Português*, série III, 7-9, 1974-1977, 243-268.

¹⁷ C. FABIÃO, Duas notas sobre ânforas lusitanas, *Al-Madan*, II série, 6, 1997, 55-68.

¹⁸ A. M. D. DIOGO, Quadro tipológico...

¹⁹ F. MAYET; A. SCHMITT; C. T. SILVA, *Les amphores du Sado...*; F. MAYET, *Les amphores lusitaniennes...*

²⁰ G. CARDOSO; J. L. GONÇALVES; S. RODRIGUES, Forno romano...

²¹ G. CARDOSO; S. RODRIGUES, 4ª Campanha de sondagens arqueológicas...

²² G. CARDOSO; J. L. GONÇALVES; S. RODRIGUES, Forno romano..., 178-179, Fig. 6 e 7, nº 5; G. CARDOSO; S. RODRIGUES, 4ª Campanha de sondagens arqueológicas...

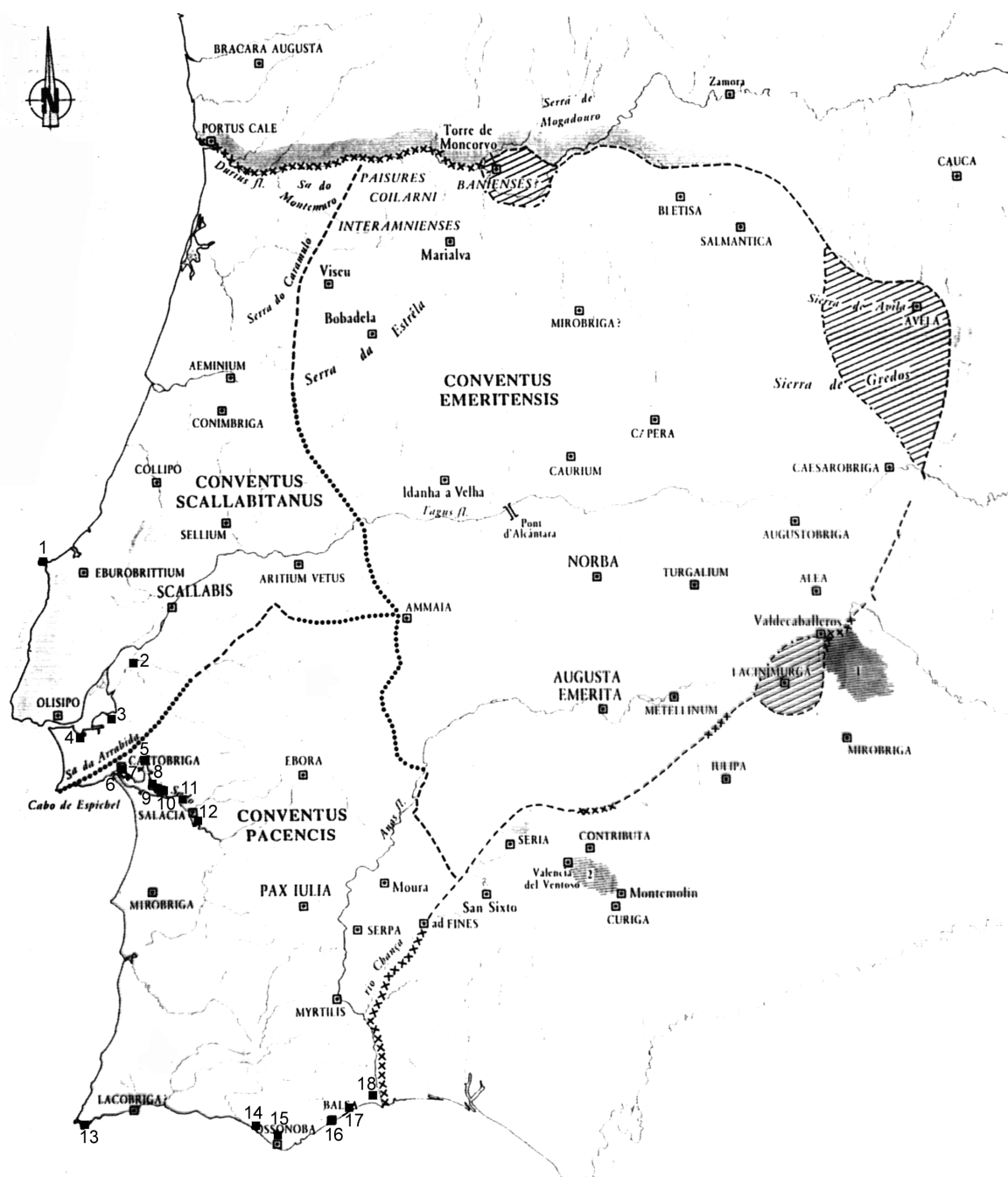


Figura 1.- Fornos de ânforas da Lusitânia.

Legenda do mapa: 1- Morraçal da Ajuda, Peniche; 2- Garroucheira, Benavente; 3- Porto dos Cacos, Alcochete; 4- Quinta do Rouxinol, Seixal; 5- Zambujalinho, Palmela; 6- Largo da Misericórdia, Setúbal; 7- Quinta da Alegria, Setúbal; 8- Pinheiro, Alcácer do Sal; 9- Xarrouqueira / Vale da Ceba, Alcácer do Sal; 10- Abul, Alcácer do Sal; 11- Bugio, Alcácer do Sal; 12- Barrosinha, Alcácer do Sal; 13- Martinhal, Vila do Bispo; 14- Quinta do Lago, Loulé; 15- S. João da Venda, Loulé; 16- Torre de Aires, Tavira; 17- Manta Rota, Vila Real de Santo António; 18- S. Bartolomeu de Castro Marim, Vila Real de Santo António. Base cartográfica: Mapa da Lusitânia definido no Colóquio “Les villes de Lusitanie: hiérarchies et territoires” (Talence, 1990).

Uma vez que, no decurso das escavações do centro produtor (que ainda decorrem), não foi possível identificar estas outras marcas, só futuras investigações, nomeadamente de foro arqueométrico, que presentemente decorrem²³, permitirão eventualmente esclarecer as dúvidas. Diríamos que ou se estará perante distintas marcas associadas a este mesmo centro produtor; ou, em alternativa, o complexo do Morraçal da Ajuda constitui tão-somente o primeiro de uma série de centros oleiros existentes nesta mesma área geográfica e ainda não identificados.

2.1.2. Baixo Tejo

Porto dos Cacos (Alcochete) :

Grande centro oleiro onde se realizaram escavações. Foi possível identificar vários fornos, de que se escavaram dois, uma longa diacronia de ocupação, que se estende desde o século I d.C. até à Antiguidade Tardia, com fabrico de ânforas e cerâmica comum²⁴. O fenómeno epigráfico observa-se em um único dos tipos de ânfora que o centro oleiro produziu²⁵.

Conjunto de marcas sobre ânforas da forma Lusitana 3 fabricadas no local:

AVCR *uel* AVCIS (S retro);
directa bilinear, cartela simples, *in ansa*, *litt. standibus*²⁶

GERMANI (CERMAN, GERMA, GERMAN (retro), CER F, GMN)
directas, umas vezes simples outras bilineares, cartelas simples, umas vezes *in ansa* e outras *in radice ansae*, *litt. stantibus*²⁷

TMAM (TMM)
directas, cartela simples, um exemplar *in radice ansae* e outro *in labro*, *litt. stantibus*²⁸

RVSTICI
directas, cartelas simples, *in radice ansae*, *litt. stantibus*²⁹

CLARIANI
directa, cartela simples, *in labro*, *litt. stantibus*³⁰

AIVNIT *uel* TINVIA, retro
directa, cartela simples, *in ansa*, *litt. stantibus*³¹

²³ G. CARDOSO; S. RODRIGUES, 4ª Campanha de sondagens arqueológicas...

²⁴ J. M. C. RAPOSO, Porto dos Cacos: uma oficina de produção de ânforas no vale do Tejo, A. ALARCÃO; F. MAYET (eds.), *As ânforas lusitanas...*, 117-151; J. M. C. RAPOSO; A. L. C. DUARTE, O forno 2 de Porto dos Cacos (Alcochete), G. FILIPE; J. M. C. RAPOSO (eds.), *Ocupação romana dos estuários...*, p. 249-266; A. GUERRA, Marcas de ânforas provenientes do Porto dos Cacos (Alcochete), G. FILIPE; J. M. C. RAPOSO (eds.), *Ocupação romana dos estuários...*, 267-282; A. J. G. SABROSA, Necrópole romana do Porto dos Cacos, G. FILIPE; J. M. C. RAPOSO (eds.), *Ocupação romana dos estuários...*, 283-300.

²⁵ A. GUERRA, *Marcas de ânforas...*

²⁶ J. M. C. RAPOSO, Porto dos Cacos..., Fig. 28, nº 1; A. GUERRA, Marcas de ânforas..., 273 e Fig. 4.

²⁷ J. M. C. RAPOSO, Porto dos Cacos..., Fig. 28 nº 3-9; A. GUERRA, Marcas de ânforas..., 273-276 e Figs. 5 a 12.

²⁸ J. M. C. RAPOSO, Porto dos Cacos..., Fig. 28, nº 11; A. GUERRA, Marcas de ânforas..., 277 e Figs 13 e 14.

²⁹ J. M. C. RAPOSO, Porto dos Cacos..., Fig. 28, nº 10; A. GUERRA, Marcas de ânforas... 277-278 e Figs. 15-16.

³⁰ J. M. C. RAPOSO, Porto dos Cacos..., Fig. 28, nº 12; A. GUERRA, Marcas de ânforas..., 278 e Fig. 17.

³¹ J. M. C. RAPOSO, Porto dos Cacos..., Fig. 28, nº 2; A. GUERRA, Marcas de ânforas..., 279 e Fig. 18.

IBERVS

directa, cartela simples, *in ansa, litt. stantibus*
(Inédita)

O conjunto é numeroso e diversificado, com distintos punções para uma mesma marca, como por exemplo, em GERMANI (o nome mais abundante), e com uma apreciável variedade de posições (*in ansa, in radice ansae e in labro*). Em todos os casos parece tratar-se de nomes simples, com a eventual excepção de TMAM onde se poderá vislumbrar uma indicação de *tria nomina*³². De sublinhar o facto de não existirem marcas impressas sobre as ânforas das Classes 20/21 (= Dressel 14 / Bel IV b) produzidas no local, na mesma época, que constituíam, para além do mais, a produção maioritária. Assinale-se que também se não conhecem quaisquer marcas impressas sobre ânforas da fase tardia de funcionamento do centro oleiro Por diversas razões, às quais se poderá somar também a peculiaridade do hábito epigráfico, é bem possível que estes contentores se destinassem a transportar um outro artigo, que não os preparados de peixe. Em outro local, já foram apontadas as razões que tornam plausível a hipótese de se tratar de uma ânfora vinária³³.

Assinale-se que no centro oleiro da Quinta da Alegria, Setúbal, foi recolhido um fragmento de asa com uma marca impressa, truncada e em mau estado de conservação, que poderá corresponder a um dos punções de *Germanus*, identificado no Porto dos Cacos (v. *infra*). Este exemplar coloca presentemente algumas questões interessantes, que importaria averiguar no futuro. Tratar-se-á de um caso de presença de um artigo fabricado no Tejo, presente naquele centro produtor; ou, em alternativa, de distintos centros produtores fabricando para um mesmo proprietário. A estar correcta a primeira hipótese, teríamos tão-somente um caso mais de importação/consumo de um artigo forâneo, num centro oleiro, o que está longe de constituir caso inédito, como é bem sabido. Se acaso for um fabrico marcado *Germanus* em um outro local, que não o de Porto dos Cacos, um novo dado se acrescentará à controvérsia sobre o significado da epigrafia anfórica, parecendo natural supor que estamos perante uma prova de que tal nome se relacionaria não com o produtor do envase, mas sim com o proprietário do conteúdo, que encomendaria contentores a distintos olarias. Uma caracterização química do exemplar em apreço poderá revelar-se esclarecedora.

Assinale-se, que se conhecem outros centros oleiros no baixo Tejo, aos quais não se encontra associada qualquer marca, embora tenham produtos marcados com grafitos. Trata-se do sítio da Garrocheira, Benavente, que terá laborado durante os sécs. I e II d.C.³⁴; e do complexo da Quinta do Rouxinol, Seixal³⁵. Em ambos casos se realizaram escavações nos locais, mais extensas no segundo do que no primeiro, pelo que se poderá considerar de certo modo significativa a ausência de marcas.

Por fim, é conveniente sublinhar que este conjunto de locais conhecidos não esgotará o complexo universo dos centros produtores de ânforas de época romana do baixo Tejo. De facto, outros locais têm sido referidos como possíveis olarias, sem que todavia tais observações se possam considerar seguras. Para além do mais, em nenhuma delas se identificou até à data qualquer marca.

³² A GUERRA, Marcas de ânforas...

³³ C. FABIÃO, O vinho na Lusitânia...

³⁴ C. AMARO, Olaria romana da Garrocheira, Benavente, A. ALARCÃO; F. MAYET (eds.), *As ânforas lusitanas...*, 87-95.

³⁵ A L. C. DUARTE, Quinta do Rouxinol. A produção de ânforas no vale do Tejo, A ALARCÃO; F. MAYET (eds.), *As ânforas lusitanas...*, 97-115; A L. C. DUARTE; J. M. C. RAPOSO, Elementos para a caracterização das produções anfóricas da Quinta do Rouxinol (Corroios / Seixal), G. FILIPE; J. M. C. RAPOSO (eds.) *Ocupação romana dos estuários...*, 237-247.

2.1.3. Baixo Sado

Zambujalinho, Marateca (Palmela) :

Sítio arqueológico romano onde se realizaram escavações³⁶. Pela abundância dos fragmentos de ânforas é possível supor que se trata de um centro oleiro. No entanto, até à data, não foram escavados fornos. O local terá sido ocupado entre o século I d.C. e um momento indeterminado do Baixo Império³⁷. Até onde é possível saber, só se registam hábitos epigráficos sobre um dos tipos de ânfora que teria sido fabricado no local, justamente o característico da fase inicial da produção.

Conjunto de marcas sobre ânforas da Classe 20/21 (= Dressel 14 / Bel. IV b)

...VSTA, ...VRTA, F(?)ASTA (provavelmente vários exemplares de uma mesma marca)
directa, cartela simples, *in ansa*, *litt. stantibus*
(iné dita)

ER *uel* BR *uel* POR(B retro)
directa, cartela simples, *in ansa(?)*, *litt. stantibus*
(iné dita)

T
directa, cartela simples, *in ansa (?)*, *litt. stantibus*
(iné dita)

C
directa, cartela simples, *in ansa*, *litt. stantibus*
(iné dita)

C-R
directa, cartela simples, *in ansa (?)*, *litt. stantibus*
(iné dita)

ANT *uel* AVT
directa, cartela simples, *in ansa (?)*, *litt. stantibus*
(iné dita)

VP
directa, cartela simples, *in ansa*, *litt. stantibus*
(FERNANDES, 1993: nº 87, p. 38-9, Est. 6)

³⁶ I. C. FERNANDES, Escavações arqueológicas na Herdade do Zambujal (Palmela), *Al-Madan*, II série, 1, 1992, 94; I. C. FERNANDES, *Arqueologia em Palmela 1988/92 – Catálogo da exposição*, Palmela, C. M. Palmela, 1993; I. C. FERNANDES; A. R. CARVALHO, Trabalhos arqueológicos no Zambujalinho (Herdade do Zambujal) – primeiros resultados, G. FILIPE; J. M. C. RAPOSO (eds.), *Ocupação romana dos estuários...*, 73-106.

³⁷ I. C. FERNANDES; A. R. CARVALHO, Trabalhos arqueológicos no Zambujalinho...

...NTENVVS *uel* ...NTERNVS
directa, cartela simples, *in ansa*, *litt. stantibus*
(FERNANDES; CARVALHO, 1996: n° 17, p. 84 e Fig. 12)

Este conjunto afigura-se particularmente interessante a vários títulos. Desde logo, pela sua diversidade, mas também por parecer afastar-se do padrão mais comum da epigrafia anfórica do baixo Sado, onde dominam as marcas com clara indicação de *tria nomina*. Neste caso concreto, registam-se vários exemplos de uma única letra (situação análoga à verificada com uma das marcas da Quinta da Alegria); ou de conjuntos de letras com nexos. Registe-se, também, que somente as produções datáveis do século I / II d. C. registam hábito epigráfico, tal como nos restantes centros oleiros lusitanos.

A maior parte destas marcas encontra-se inédita, à excepção das duas últimas. Pudemos observá-las graças à amabilidade de Isabel Cristina Fernandes, que tem dirigido as escavações no local, a quem expressamos a nossa gratidão.

Quinta da Alegria (Setúbal) :

O centro oleiro da Quinta da Alegria situava-se numa área suburbana de Setúbal e foi destruído por um complexo industrial. Tudo o que dele sabemos resulta de informações fornecidas por quem terá assistido à sua destruição e um acervo de materiais recolhido sem critérios arqueológicos. Pelo conjunto que até nós chegou, é possível afirmar que o complexo terá laborado durante um extenso lapso de tempo, desde o século I d.C. até ao Baixo Império, fabricando diversos tipos de ânforas³⁸.

Somente em um exemplar da Classe 20-21 (= Dressel 14 / Beltran IVb) se assinalou uma marca embora também se registre a presença de um fragmento de asa de pequena dimensão, pertencendo, pois, a um outro tipo de ânfora, onde se conserva uma marca incompleta que poderá não ser um fabrico local, como já comentámos.

Marca sobre ânfora da Classe 20/21 (= Dressel 14 / Bel. IV b)

M
directa, cartela simples, *in flexo*, *litt. stantibus*³⁹

Embora se trate de um único exemplar de marca e com uma só letra, não devemos perder de vista que o local não foi objecto de escavação, pelo que não sabemos que significado real devermos atribuir a esta escassez.. Embora com as devidas cautelas, esta marca pode relacionar-se com uma outra recolhida em diferentes situações na área urbana de Setúbal:

Haverá ainda um exemplar de marca GERMAN, *in ansa*, de Lusitana 3 (proveniente do Porto dos Cacos?) entre o conjunto de peças recolhido no local⁴⁰.

³⁸ A COELHO-SOARES; C. T. SILVA, C. T., Ânforas romanas da Quinta da Alegria (Setúbal), *Setúbal Arqueológica*, 5, 1979, 205-221.

³⁹ A COELHO-SOARES; C. T. SILVA, C. T., Ânforas romanas da Quinta..., Fig. 5, n°1 e Est. II, n° 11.

⁴⁰ A COELHO-SOARES; C. T. SILVA, C. T., Ânforas romanas da Quinta..., Fig. 5, n° 2 e Est. V, n° 49.

A marca M encontrada na Quinta da Alegria parece relacionável com uma outra bem documentada na área urbana de Setúbal:

MO

directa, cartela simples, *in flexo*, *litt. stantibus*.

Encontrada em diversos locais da área urbana de Setúbal, num total de seis exemplares⁴¹; e também na escavação arqueológica da praça do Bocage, na mesma cidade, onde foram recolhidos mais três exemplares⁴², sempre sobre asas de ânforas do mesmo tipo: Classe 20/21 (= Dressel 14 / Bel. IV b). A marca MC, publicada por Parker⁴³, corresponde, de facto, a um destes exemplares com impressão deficiente, como já foi devidamente assinalado⁴⁴.

A marca MO é, pois, aquela de que se conhece um maior número de exemplares em toda a área do baixo Sado e não parece muito aventuroso relacionar com ela a marca M encontrada na Quinta da Alegria. Já mais arriscado será afirmar que a dita pertenceria efectivamente a este centro oleiro, uma vez que somente um único exemplar, ainda para mais não “canónico”, foi ali encontrado. De facto, se é legítimo alvitrar uma origem diversa para a marca GERMAN encontrada no local, o mesmo se poderá dizer para o exemplar em apreço. Nem creio que seja relevante o facto de os autores da escavação da praça do Bocage assinalarem a semelhança entre a pasta dos seus exemplares e a das produções da Quinta da Alegria⁴⁵, uma vez que são bem conhecidas as dificuldades de distinção, por simples análise macroscópica, dos materiais oriundos dos diferentes centros produtores do baixo Sado e mesmo do baixo Tejo⁴⁶. Por razões cronológicas e tipológicas, está excluída qualquer hipótese de relação entre esta marca e os outros fornos conhecidos na área urbana setubalense (os do largo da Misericórdia), de instalação e laboração mais antiga⁴⁷.

Não restarão dúvidas, porém, de que as marcas M e MO são lusitanas, uma vez que se encontram apostas sobre contentores cujas características de fabrico correspondem às das ânforas locais e, com fortes probabilidades, a um centro oleiro do vale do Sado, pelo significativo número de achados da área urbana de Setúbal.

Pinheiro (Alcácer do Sal) :

O grande centro oleiro da Herdade do Pinheiro era de há muito conhecido, sobretudo pelos fornos descobertos e parcialmente destruídos na década de 50 do século XX. Recentemente, realizaram-se extensas escavações no local, que permitiram traçar com clareza a diacronia do seu funcionamento⁴⁸. Trata-se de um grande complexo que terá laborado desde o século I d.C. até à Antiguidade Tardia, fabricando ânforas e outro material (cerâmica comum e materiais de construção). De entre o abundante material recolhido, onde avultam numerosos fragmentos com grafitos há somente a registar uma marca impressa⁴⁹, o que diz bastante sobre o carácter pouco expressivo deste hábito epigráfico.

⁴¹ A COELHO-SOARES; C. T. SILVA, C. T., Ânforas romanas da área urbana de Setúbal, *Setúbal Arqueológica*, 4, 1978, Est. IV, nº 23 e 24; Est. V, nº 35 a 38 e Est. IX.

⁴² C. T. SILVA; A COELHO-SOARES, A Praça do Bocage (Setúbal) na época romana. Escavações arqueológicas de 1980, *Setúbal Arqueológica*, 6-7, 1980-1981 p. 273, Est. II, nº 20; 275, Est. IV, nº 38 ; 276, Est. VI, nº 51.

⁴³ A. J. PARKER, *Lusitanian Amphoras...*

⁴⁴ A COELHO-SOARES; C. T. SILVA, Ânforas romanas da área urbana..., 179.

⁴⁵ C. T. SILVA; A COELHO-SOARES, A., A praça do Bocage..., 273.

⁴⁶ F. MAYET; A SCHMITT; C. T. SILVA, *Les amphores du Sado...*

⁴⁷ C. T. SILVA, Produção de ânforas na área urbana de Setúbal...

⁴⁸ F. MAYET; C. T. SILVA, *L'atelier d'amphores de Pinheiro...*

⁴⁹ F. MAYET; C. T. SILVA, *L'atelier d'amphores de Pinheiro...*

Marca sobre asa de ânfora da Classe 20/21 (= Dressel 14 / Bel IV b):

FB

directa, cartela simples, *in flexo, litt. stantibus*⁵⁰

Guilherme Cardoso assinalara já uma marca:

BF (?), em cartela simples, *in ansa, litt. stantibus*, encontrada à superfície no local⁵¹,

que corresponderá seguramente à mesma marca.

Xarrouqueira / Vale da Cepa (Alcácer do Sal) :

Em uma extensa área na margem esquerda do rio Sado são visíveis grandes acumulações de fragmentos cerâmicos que poderão corresponder, de facto, a diferentes centros oleiros, relativamente próximos. Embora o local esteja referenciado já desde o século XIX⁵², nunca foram realizadas escavações, pelo que toda a informação resulta de recolhas superficiais aleatórias, facto que nos impede de saber exactamente qual a natureza dos locais, bem como o que pertence a quê. Por estas razões, parece-nos mais razoável agrupar realidades que têm sido distribuídas por sítios designados como “Enchurrasqueira”, por vezes subdividido em I e II, topónimo manifestamente incorrecto e que urge rectificar na bibliografia arqueológica⁵³, e Vale da Cepa, relativamente próximo, a montante do Sado⁵⁴. Pelos materiais publicados, parece tratar-se de um ou mais complexos oleiros que terão laborado desde o séc. I até épocas mais tardias, pelo menos o séc. III d.C.⁵⁵, parecendo o Vale da Cepa o mais longo⁵⁶ se é que se trata de facto de complexos diferentes.

Marcas sobre exemplares da Classe 20 / 21 (= Dressel 14 / Bel IV b):

LV...

directa, cartela simples, *in flexo, litt. Standibus*⁵⁷

GIP

directa, cartela simples, *in flexo, litt. stantibus*⁵⁸

LIA

directa, cartela simples, *in flexo, litt. stantibus*⁵⁹

⁵⁰ F. MAYET; C. T. SILVA, , *L'atelier d'amphores de Pinheiro...*, 64-6 e Fig. 34, nº 1.

⁵¹ G. CARDOSO, Fornos de ânforas romanas na bacia do rio Sado: Pinheiro, Abúl e Bugio, *Conimbriga*, 25, 1986, 166, Est. I, nº 3.

⁵² J. C. BAPTISTA, Salacia, *O Archeólogo Português*, 2, 1896, 5-10.

⁵³ C. FABIÃO, Novidades sobre o Sado? Alguns...

⁵⁴ A. M. D. DIOGO; A. M. G. CARVALHO; I. M. S. REBELO; J. M. L. FERNANDES; M. F. G. ROLLO, *O material dos fornos romanos da Enchurrasqueira no Museu do Mar, Cascais*, Cascais, Museu do Mar, 1984.

⁵⁵ F. MAYET; A. SCHMITT; C. T. SILVA, *Les amphores du Sado...*, 48.

⁵⁶ A. M. D. DIOGO *et alii*, *O material dos fornos romanos...*, 6.

⁵⁷ A. M. D. DIOGO *et alii*, *O material dos fornos romanos...*, 9, Est. I, nº 2 e Est. VI, nº 2.

⁵⁸ A. M. D. DIOGO, Elementos sobre ânforas de fabrico lusitano, G. FILIPE; J. M. C. RAPOSO (eds.) *Ocupação romana dos estuários...*, 64, Est. 1, nº 3.

⁵⁹ A. M. D. DIOGO, Elementos sobre ânforas..., 64, Est. 2, nº 8.

Assinale-se que, no mesmo local foi recolhida uma outra marca incompleta RA...vel BA... uel BM... impressa sobre um *dolium*, junto da asa, também ela uma marca directa, cartela simples, *litt. stantibus*⁶⁰. Não deixa de ser interessante registar esta situação, absolutamente singular, de encontrarmos uma marca sobre grande recipiente de armazenagem com evidentes afinidades com as que se encontram nas ânforas. Refira-se, porém, que não se conhece esta marca sobre outros recipientes cerâmicos recuperados no local.

A principal peculiaridade a reter nestas marcas será o facto de se verificar a existência de uma inicial comum, justamente a que corresponderia ao *nomen*, como já foi assinalado⁶¹, se efectivamente estas marcas correspondem a notações de *tria nomina*, como tudo parece indicar. Como haverá a oportunidade de ver, o mesmo parece verificar-se em outro centro oleiro da bacia do Sado.

Barrosinha (Alcácer do Sal) :

Na Herdade da Barrosinha, junto de Alcácer do Sal, localiza-se um dos centros oleiros mais conhecidos da bacia do Sado. O local aparece mencionado desde o séc. XIX⁶², sendo mesmo conhecida uma marca⁶³, pelo que existe um abundante acervo de materiais publicado, mesmo sem nunca se terem realizado escavações arqueológicas. As observações feitas apontam para a existência de dois núcleos distintos, frequentemente referidos como I e II, ambos com fornos⁶⁴, embora não seja claro se efectivamente correspondem a dois centros oleiros distintos.

Pela informação disponível, parece bem estabelecido que o local fabricou ânforas, cerâmica comum e materiais de construção, somente nos sécs. I e II d.C.. Conhecem-se numerosos exemplares de duas marcas, com diferentes punções.

Marcas sobre exemplares da Classe 20 / 21 (= Dressel 14 / Bel IV b):

MAMVS uel MAMVNS

directa, cartela simples, *in flexo*, *litt. Standibus*⁶⁵

DMT uel TMC retro

directa, cartela simples, *in flexo*, *litt. Standibus*; dois exemplares *in radice ansae*⁶⁶

Também aqui, se observa a presença de duas marcas com uma mesma letra indicando o que deveria corresponder ao *nomen*, como tem sido assinalado⁶⁷. Não temos nenhuma referência concreta

⁶⁰ A. M. D. DIOGO *et alii*, *O material dos fornos romanos...*, 11, Est. III, nº 28 e Est. VI, nº 29.

⁶¹ A. M. D. DIOGO, *Elementos sobre ânforas...*, 64.

⁶² J. C. BAPTISTA, *Salacia...*

⁶³ J. L. VASCONCELLOS, J. L., *Excursão archeologica ao sul de Portugal, O Archeólogo Português*, 4, 1898, 103-134.

⁶⁴ A. M. D. DIOGO; J. C. FARIA; M. A. FERREIRA, M. A., *Fornos de ânforas de Alcácer do Sal, Conimbriga*, 26, 1987, 77-111.

⁶⁵ J. L. VASCONCELLOS, J. L., *Excursão archeologica...*, 113; A. M. D. DIOGO; J. C. FARIA; M. A. FERREIRA, *Fornos de ânforas...*, 98, Est. XII, nº 12 a 14; A. M. D. DIOGO; J. C. FARIA, J. C., *Fornos de cerâmica romana no vale do Sado. Alguns elementos*, A. ALARCÃO; F. MAYET (eds.), *As ânforas lusitanas...*, 175, Fig. 46, nº 1-2 e 47, nº 5.

⁶⁶ A. M. D. DIOGO, *Fornos de ânforas do Monte do Bugio. Notícia preliminar, Conimbriga*, 19, 1990, 149; A. M. D. DIOGO; J. C. FARIA, *Elementos para a caracterização e periodização da economia do baixo Sado, durante a época romana*, T. J. GAMITO (ed.), *Arqueologia Hoje I Etno-Arqueologia*, Faro, Universidade do Algarve, 1990, Est. I, nº 1; A. M. D. DIOGO; J. C. FARIA; M. A. FERREIRA, *Fornos de ânforas...*, 86 e Est. IV, nº 1, 7, 8, 9, 10 e Est. X, nº 7 e 10.

⁶⁷ A. M. D. DIOGO; J. C. FARIA; M. A. FERREIRA, M. A., *Fornos de ânforas...* e F. MAYET; A. SCHMITT; C. T. SILVA, *Les amphores du Sado...*, 37.

a possíveis datações para estas marcas, embora Dias Diogo tenha escrito que a segunda dataria da época de Cláudio⁶⁸.

Para concluir, refira-se que não se conhece qualquer marca impressa em outros centros oleiros da bacia do Sado. Se tal facto se pode considerar insignificante para o complexo de Bugio, uma área com abundantes vestígios, mas que nunca foi objecto de escavações, já o mesmo se não dirá para o grande complexo de Abul, com uma extensa diacronia de ocupação e laboração, desde a época tiberiana até ao século V, que também não forneceu qualquer marca, apesar de ter sido extensamente escavada a sua área mais antiga, ou seja, aquela que seria passível de fornecer elementos epigráficos⁶⁹.

O hábito de marcar com grafitos as ânforas é uma característica recorrente em todos estes centros oleiros, tanto nos que forneceram marcas impressas como nos outros, o que confirma plenamente o carácter distinto destes dois hábitos epigráficos.

Assinale-se, por fim, que tem existido alguma controvérsia em torno da suposta identificação de novos centros oleiros na bacia do Sado⁷⁰, por se não conhecerem dados consistentes e convincentes sobre a sua caracterização. Independentemente de serem ou não centros oleiros reais, deve sublinhar-se que não entregaram até ao presente qualquer nova marca.

2.1.4. Algarve

S. Bartolomeu de Castro Marim :

Trata-se do centro oleiro onde Leite de Vasconcellos realizou a primeira investigação sobre um centro produtor de ânforas no actual território português. Escavou um forno e identificou um depósito de ânforas⁷¹. O centro oleiro terá funcionado num lapso de tempo indeterminado, provavelmente no Alto Império, seguramente em época mais tardia. Embora não se tenham feito novas investigações no local, Manuel Maia recolheu uma marca impressa sobre um fragmento com características de fabrico análogas às dos restantes exemplares identificados, no decurso de prospecções que visaram a realocização do sítio⁷².

Marca impressa sobre ânfora com afinidades com os fabricos béticos, habitualmente classificada como pertencente à Classe 20 / 21 (= Dressel 14 / Bel IV b):

LFT

directa, cartela simples, *in colo, litt. stantibus*⁷³

Todos os restantes centros oleiros conhecidos no Algarve são tardios⁷⁴ e não forneceram qualquer marca, facto que poderá constituir um argumento mais a favor da hipótese de pertencer a um momento do século I ou II d.C. a marca de S. Bartolomeu de Castro Marim.

⁶⁸ A. M. D. DIOGO, Fornos de ânforas do Monte..., 149, nota 1.

⁶⁹ F. MAYET; C. T. SILVA, *L'atelier d'amphores de Abul...*

⁷⁰ A. M. D. DIOGO; J. C. FARIA; M. A. FERREIRA, Fornos de ânforas...

⁷¹ J. L. VASCONCELLOS, Olaria luso-romana em S. Bartolomeu de Castro Marim, *O Archeólogo Português*, 4, 1898, 329-336.

⁷² M. MAIA, As ânforas de S. Bartolomeu de Castro Marim, *Clio*, 1, 1979, Est. V, nº 1 a 3.

⁷³ M. MAIA, As ânforas de S. Bartolomeu... Est. V, nº 1 a 3.

⁷⁴ C. FABIÃO, *O sul da Lusitânia...*

2.2. Os grafitos

No contexto geral da investigação sobre epigrafia anfórica da Lusitânia, os grafitos constituem um domínio claramente secundário. Esta subalternidade deve-se, em boa parte, às dificuldades de interpretação de muitas destas manifestações e ao reduzido alcance que o aparecimento destes vestígios apresentava para a compreensão dos sítios. Mas pode decorrer igualmente da ausência de um estudo sistemático que facilite a orientação neste domínio complexo e, ao mesmo tempo, permita alargar as possibilidades de análise dessa categoria de materiais.

De qualquer modo, em algumas publicações mais recentes, é possível perceber a preocupação em apresentar de uma forma sistemática, todas as manifestações deste tipo como componente essencial do estudo arqueológico. Esta perspectiva tem claramente subjacente a ideia de que, desta forma, se lançam as bases de um futuro repertório dos grafitos, perspectiva que é tida em consideração por um número cada vez maior de publicações.

Este encontro, para além de constituir uma evidente demonstração desta necessidade, procura encontrar uma plataforma de entendimento a respeito da forma de levar concretamente a cabo essa tarefa. No que nos diz especificamente respeito, procurar-se-á caracterizar, de uma forma muito sumária, a situação na Lusitânia, apresentando-se uma panorama geral da investigação neste domínio e de alguns problemas que se lhe colocam.

Desde logo, põem-se em evidência algumas questões de âmbito geral. A primeira tem que ver a cronologia destas manifestações. À semelhança do que acontece com as marcas, o recurso ao grafito é essencialmente um hábito antigo, no contexto da produção anfórica, circunscrevendo-se, na maioria dos casos, aos séculos I e II d. C.. Verifica-se que a sua ocorrência não abarca todos os exemplares produzidos, mas não é possível fazer uma ideia da sua expressão percentual, pela natureza das amostras. Nos casos em que se fizeram escavações não foi contabilizado o número de exemplares com e sem elementos epigráficos, não fazendo sentido essa contabilidade nos casos em que se procedeu apenas a uma recolha de superfície.

Por outro lado, o grafito é uma manifestação epigráfica muito peculiar. Mais do que outras aqui consideradas, encontra-se sujeita a uma grande variabilidade que é consequência de uma multiplicidade de factores, entre os quais adquire particular significado a maior ou menor destreza ou cuidado de quem o realiza. Nestas circunstâncias, nem sempre a sua interpretação se torna evidente, uma vez que a esta característica se associa a tendência para estas manifestações corresponderem a traçado rápido, simplificado, ditado pela necessidade de economizar movimentos.

Para além disso, a maioria dos grafitos em análise é produzida para um número conjunto muito restrito de destinatários, certamente circunscrito ao âmbito da oficina. Por isso, é de significado claro para esses destinatários, porque se baseia numa convenção conhecida de todos os que participam no processo produtivo. Mas pode envolver alguma ambiguidade para outros, nomeadamente quem se confronta actualmente com os muitos problemas de leitura e interpretação que colocam.

Por fim, deve ter-se em consideração que o seu significado global no contexto da produção de ânforas envolve alguma controvérsia, a que não escapam também os exemplares produzidos na Lusitânia. Ainda que se reconheça a sua vinculação ao processo produtivo e esteja igualmente claro que a sua aplicação se dá numa fase de secagem, entre o torneado e a cozedura, as incertezas a respeito do seu valor concreto não se encontram resolvidas.

Se por um lado se pode configurar a hipótese de com alguma frequência poderem corresponder a um processo de contagem, por outro é possível encontrar igualmente elementos que parecem corresponder à identificação de diferentes indivíduos associados ao processo de produção, nos mesmos local e época.

Com o objectivo de avaliar globalmente a investigação sobre esta vertente específica da epigrafia anfórica, procedeu-se, em primeiro lugar, a inventariação sumária de todos os grafitos apostos em produções lusitanas. Os diferentes contributos apresentados no colóquio *Ânforas da Lusitânia*⁷⁵ e as recentes investigações no Vale do Sado⁷⁶, constituíram os pontos de partida para esta tarefa. No entanto, a existência de alguns conjuntos inéditos ou apenas parcialmente estudados, nomeadamente os de Zambujalinho⁷⁷ e Porto dos Cacos⁷⁸, justificou igualmente uma observação desses núcleos mais significativos.

Chegou-se, pois, a um repertório que pode considerar-se exaustivo, uma vez que representa bem o panorama geral dos achados, tanto os já publicados como boa parte dos inéditos. Esta tarefa foi possível pela dimensão da amostra em análise, a qual se pode considerar bastante circunscrita. Ao contrário do que acontece com outras áreas, em que as proporções do material a estudar são substancialmente mais elevadas, a Lusitânia apresenta um quadro reduzido, o que facilita o seu estudo global.

Ainda que as produções anfóricas desta região sejam diversificadas, as ocorrências de grafitos manifestam uma evidente concentração em determinados tipos de contentores. Basicamente ocorre em exemplares Dr. 14, sem dúvida o tipo que apresenta uma maior frequência, ainda que, o seu número corresponda em pequena percentagem dos recipientes produzidos. No contexto lusitano está consolidada a ideia de que um grafito de origem local corresponde, quase sistematicamente, a uma produção dessa forma específica de vasilhas.

Todavia, registam-se, muito raramente, em alguns outros casos pontuais, nomeadamente na forma Almagro 51c⁷⁹ e, ainda, em alguns suportes⁸⁰. Os poucos casos conhecidos em exemplares deste tipo revelam-se aparentemente similares, do ponto de vista epigráfico, aos que se registam sobre Dr. 14, mas divergem na cronologia. No estado actual do conhecimento não se torna ainda possível estabelecer se existe uma ruptura da continuidade ou se estas últimas ocorrências apenas herdaram uma tradição que pouco tempo depois acabarão por perder.

2.2.1. Distribuição

Um levantamento muito representativo dos grafitos provenientes de sítios portugueses, especialmente dos centros produtores onde se realizaram intervenções arqueológicas, permite constatar que a sua distribuição geográfica é regular. Um dos aspectos mais evidentes é sua raridade no contextos das produções algarvias, sobretudo quando comparada com a região correspondente aos Vales do

⁷⁵ A. ALARCÃO; F. MAYET (eds.), *As ânforas lusitanas...*

⁷⁶ F. MAYET; A. SCHMITT; C. T. SILVA, *Les amphores du Sado...*; F. MAYET; C. T. SILVA, *L'atelier d'amphores de Pinheiro...*; F. MAYET; C. T. SILVA, *L'atelier d'amphores de Abul...*

⁷⁷ I. C. FERNANDES; A. R. CARVALHO, *Trabalhos arqueológicos no Zambujalinho...*

⁷⁸ J. M. C. RAPOSO, *Porto dos Cacos...*; A. GUERRA, *El proyecto OREST y la epigrafía anfórica de un centro productor de Lusitania. XIII Congressus Internationalis Epigraphiae Graecae et Latinae*, n. p.

⁷⁹ F. MAYET; C. T. SILVA, *L'atelier d'amphores de Pinheiro...*, 160, fig. 62, n. 72.

⁸⁰ F. MAYET; C. T. SILVA, *L'atelier d'amphores de Pinheiro...*, 160, figs. 60 e 62, nn. 73-83.

Tejo e Sado, mas este facto resulta da quase total ausência de contentores de épocas antigas fabricados no Algarve.

De uma forma geral parece que a ocorrência de grafitos se apresenta como mais significativa nos fornos da Vale do Sado que produzem contentores Dr. 14, dada a circunstância de serem mais extensos os conjuntos epigráficos de Abul⁸¹, Zambujalinho⁸², Xarroqueira⁸³ e Pinheiro⁸⁴. Para além disso, dentro deste mesmo âmbito geográfico, registam-se sítios com reduzidos números de exemplares, como a Quinta da Barrosinha⁸⁵.

Todavia, o núcleo mais importante provém de Porto dos Cacos, Alcochete⁸⁶, no Vale do Tejo, onde se levaram a cabo nos anos '80 e '90 uma série de campanhas que proporcionaram um amplo espólio anfórico⁸⁷. Apesar de terem sido igualmente escavados outros fornos na região, estes, todavia, não proporcionaram um número significativo de grafitos. Tendo essencialmente em conta a frequência das manifestações em análise, dir-se-ia que esse importante centro produtor se poria a par do conjunto do Vale do Sado, com qual, de resto apresenta uma evidente proximidade geográfica. Não se refere nenhum grafito nas breves notícias das investigações⁸⁸, relativamente recentes, nos fornos do Morraçal da Ajuda (Peniche), o centro produtor mais setentrional.

Estas divergências na distribuição poderão, todavia, dever-se mais à dimensão das intervenções arqueológicas e ao número de exemplares de ânforas recolhidos nas diferentes regiões, aspecto que condiciona fortemente o significado de uma estatística.

2.2.2. Natureza

À semelhança do que se tem verificado em alguns conjuntos estudados, este género de manifestação agrupa-se em três categorias: 1) numerais; 2) alfabéticos; 3) outros símbolos. A integração em cada um destes grupos nem sempre é pacífica, não apenas pela ambiguidade que lhe é inerente, como pela circunstância de os latinos usarem precisamente signos alfabéticos para indicar os números⁸⁹. Na maioria dos casos, porém, a sua atribuição parece relativamente clara.

Os numerais representavam, até há pouco, um conjunto substancialmente superior a metade das ocorrências, o que levou a que se assumisse, por vezes, que na sua origem estava um qualquer processo de contagem. Todavia, a publicação extensiva dos materiais do sítio de Abul veio aumentar consideravelmente os exemplares do tipo alfabético. Deste modo, os que correspondem a numerais representam hoje pouco mais de metade das ocorrências. No conjunto dos grafitos analisados constata-se a especial relevância dos exemplares de Porto dos Cacos, que constituem cerca de 50 % do total.

⁸¹ F. MAYET; C. T. SILVA, *L'atelier d'amphores de Abul...*, 122-126, figs. 71-78.

⁸² I. C. FERNANDES; A. R. CARVALHO, *Trabalhos arqueológicos no Zambujalinho...*

⁸³ A. M. D. DIOGO, Fornos de ânforas do Monte da Enxurrasqueira e do Vale da Cepa. Notícia preliminar, *Conimbriga*, 22, 1983, 209-315; F. MAYET; A. SCHMITT; C.T. SILVA, *Les amphores du Sado...*

⁸⁴ F. MAYET; C. T. SILVA, *L'atelier d'amphores de Pinheiro...*, 160, fig. 34-36 e 62.

⁸⁵ A. M. D. DIOGO; J. C. FARIA; M. C. FERREIRA, Fornos de cerâmica romana...

⁸⁶ A. GUERRA, El proyecto OREST y la epigrafía...

⁸⁷ J. M. C. RAPOSO, Porto dos Cacos... ; J. M. C. RAPOSO; A. L. C. DUARTE, O forno 2 de Porto dos Cacos...

⁸⁸ G. CARDOSO; GONÇALVES, J. L.; S. RODRIGUES, Uma olaria romana..., 8; G. CARDOSO; RODRIGUES, S., Olaria romana de Peniche. *Al-madan*. Almada. II série, 9, 2000, 210-211; G. CARDOSO; S. RODRIGUES, S. 4ª Campanha...

⁸⁹ P. BERNI, P., *Las ánforas de aceite de la Bética y su presencia en la Cataluña romana*, (Instrumenta 4), Barcelona, 1998, 23; J. CASULLERAS CALVO *et alli*, Los grafitos del siglo II (Campanhas de 1989 y 1990), J. M. BÁZQUEZ; J. REMESAL (eds.), *Estudios sobre el el Testaccio (Roma)*, I., (Instrumenta 6), Barcelona, 1999, 61; A. GUERRA, El proyecto OREST y la epigrafía...

No seu conjunto, o repertório de numerais até ao momento identificado é pouco variado, uma vez que, dentro da possibilidade teórica de ocorrerem todos os numerais até CX, apenas se registam 15. De entre estes, percebe-se claramente a preferência por um número muito circunscrito (I, V, X, XXII, C); a par dele, um outro conjunto de ocorrências de segunda ordem (VI, XII, XX, CI); por fim, alguns registos numericamente pouco relevantes (XI, XV, CX).

Há claramente, como já se constatou anteriormente, uma lógica determinada. Quase todos correspondem a número enquadrado nas primeiras dezenas, ainda que a ambiguidade inerente a alguns exemplares (nomeadamente entre a leitura XXIII e XXXII) não permita fixar com rigor esse patamar. Identifica-se depois uma sequência que se inicia a partir do numeral C e que não ultrapassa CX, mas este grupo é nitidamente minoritário.

O aspecto mais relevante de todo o conjunto respeita, sem dúvida à lógica que preside à distribuição dos numerais até ao momento identificados, onde é manifesta a preferência pelos múltiplos de 5 (do tipo 1, 5, 10, 15, 20, ..., 100, 101, 110) com alguma oscilação para os algarismos imediatos.

	P.Cacos	Garroch.	Barros.	Pinh.	Xarroc.	Zamb.	Abul	TOTAL
I	2		1	8	3	11	12	37
II			1	1?		1	3	6
V	16				3	1	5	25
VI	5				3			8
X	2	1	3	9	4	4	9	32
XI				1?				1
XII	14							14
XV	3							3
XX	2	1		2		4	2	11
XXI	1							1
XXII	18							18
XXIII	4							4
C	16		1	2	1	3	3	26
CI	11						1	12
CX				1				1
TOTAL	94	2	6	24	14	24	35	199

QUADRO I - Distribuição dos grafitos numéricos

O grupo dos signos alfabéticos é também significativo, o que constitui, de facto, uma peculiaridade do repertório lusitano, em manifesto contraste com o panorama do Testaccio (v. Quadro III). O aspecto mais surpreendente é o número e, acima de tudo, a percentagem deste tipo específico de manifestações no sítio de Abul, no Vale do Sado.

Uma maioria clara corresponde a um signo único, constatando-se uma especial preferência pelas letras A, E e P. De qualquer modo, regista-se uma ampla variedade de signos, característica que, como se verá, não parece comum a outras áreas de produção.

O agrupamento de dois signos, por vezes em nexos, apresenta pelo menos nove modalidades distintas, correspondentes a cinquenta ocorrências, o que se pode considerar um número muito significativo. Pode ser relevante o facto de estas sequências de mais que uma letra ocorrerem, por via

da regra num único centro produtor. Esta tendência para não se repetirem as associações pode contrastar com o registo da letra B em quatro centros distintos. Este é um dos raros signos alfabéticos que ocorre no repertório das ânforas béticas do Testaccio (v. Quadro III).

	P.Cacos	Garroch.	Barros.	Pinh.	Charroc.	Zamb.	Abul	T.
A	2			3 (1)		2?	18?	25
B	3		1	4		1?		9
E	7			2			9	18
F					1			1
L							1	1
M						2	3	5
N	11						4	15
O				1?			6	7
P	13		2				20	35
Q							1?	1
R	3	2					3?	8
S				1+1	1	1	1+4	9
T				+1?			2	3
AF							1	1
CN						1		1
CO							7+3	10
CR/VR	17						1	18
DP						2		2
IN	8						1	9
PA	6							6
PI							2	2
PO	1							1
VSI						2		2
TOTAL	71	2	3	13	2	11	87	189

QUADRO II. Ocorrência dos grafitos alfabéticos

Os símbolos são habituais nos repertórios de grafitos anfóricos, embora sejam, de uma maneira geral, bastante raros. O repertório é pouco variado, limitando-se a alguns grupos mais característicos: tridentes, serpenteados e palmas. São especialmente abundantes no sítio do Pinheiro⁹⁰, onde é frequente a representação dos dois primeiros.

Por fim, deve salientar-se a elevada percentagem da incertos. Esta circunstância deve-se, por um lado em consequência de um número considerável de exemplares fragmentários; por outro, às dificuldades em resolver satisfatoriamente todas as questões de ambiguidade, em boa parte devido às características paleográficas destes materiais.

Os problemas de leitura serão sem dúvida um dos aspectos que produzirão muitas divergências entre os investigadores, uma vez que se trata de um domínio em que as situações dúbias e controversas se revelam particularmente abundantes.

⁹⁰ F. MAYET; C. T. SILVA, *L'atelier d'amphores de Pinheiro...*, fig. 36 e 62.

	Lusit.	Bética	África		Lusit.	Bética	África
I	37	31	5	A	25		
II	6	18	2	B	9	19	
III		4	1	E	18		
IV		2	1	F	1		
V	25	17	5	M	5	2	
VI	8	1		N	15		
VII		1	1	O	7		
X	32	66	1	P	35		
XI	1	2	1	Q	1		
XII	14	1		R	8	12	
XV	3	2		S	9		
IXX		1		T	3		
XX	11	22	1	AF	1		
XXI	1	2		CN	1		
XXII	18			CO	10		
XXIII	4			CR/VR	18		
XXX		20		DP	2		
XXXX		1		IN	8		
C	16	10		PA	6		
CI	12	1		PI	2		
CII		3		PO	1		
CX	1	11					
CXI		1					
CXV		1					
CXX		4	1				

Quadro III: Comparação com os grafitos do Testaccio (1989-1992)

3. PRINCIPAIS OBSERVAÇÕES / CONCLUSÕES :

Do que atrás ficou exposto, podem esboçar-se algumas observações genéricas, embora com as limitações decorrentes da exiguidade da amostra disponível e do carácter desigual da informação que temos para cada sítio.

Em primeiro lugar, pode concluir-se que o hábito epigráfico é raro e pouco frequente na Lusitânia, no que respeita a marcas impressas. Não há muitas marcas e as que existem são conhecidas somente por escassos exemplares. No estado actual dos conhecimentos, não parece haver uma relação entre este hábito e a dimensão dos centros produtores, já que os grandes centros de Pinheiro e Abul na bacia do Sado não apresentam a epigrafia que se encontra, por exemplo, na Barrosinha ou no Zambujalinho. No tocante aos grafitos, o panorama é substancialmente diverso, este hábito epigráfico é muito mais abundante e generalizado. De facto, não há marcas em todos os centros oleiros, que funcionaram nos sécs. I e II d.C., mas em todos eles os grafitos se observam.

No tocante à cronologia, o hábito epigráfico é antigo, no contexto da produção, e perde-se claramente com o tempo, estará circunscrito ao período compreendido entre os sécs. I –II, aquela a que por norma se chama a primeira fase da produção das ânforas lusitanas. Recorde-se, porém, que

não há propriamente uma norma geral para a cronologia das marcas. No Morraçal da Ajuda, Peniche, que funcionou em época precoce (Júlio-Cláudia) regista-se uma significativa presença de marcas (sempre do mesmo indivíduo), enquanto que em Setúbal, largo da Misericórdia, Pinheiro e Abul, em Alcácer do Sal, que terão laborado na mesma época, não se regista qualquer marca nos mais antigos exemplares, parecendo provável que o fenómeno epigráfico no Sado não se verifique logo na fase inicial. A data que Dias Diogo propôs para uma das marcas da Barrosinha foi apresentada em nota de rodapé em um artigo sobre os fornos do Bugio⁹¹, não tendo voltado a referir-se à dita em nenhum dos artigos que dedicou às produções do Sado (em geral) ou ao próprio local.

Justamente este âmbito temporal justifica que os suportes constituam, na sua esmagadora maioria, ânforas da Classe 20 / 21 (= Dressel 14 / Bel IV b), naturalmente com as exceções de Morraçal da Ajuda, Peniche, e S. Bartolomeu de Castro Marim, que fabricaram ânforas de tipos peculiares ainda insuficientemente caracterizadas, sendo o Porto dos Cacos, Alcochete, um caso muito particular. Neste último, as ânforas da Classe 20 / 21 (= Dressel 14 / Bel IV b), a produção maioritária, não registam qualquer marca, estando o hábito epigráfico confinado aos exemplares da forma Lusitana 3. Aparentemente, as marcas documentadas representam *tria nomina*, na maior parte dos casos, registando-se alguns exemplos de apenas uma letra ou duas. Uma vez mais, o Porto dos Cacos, Alcochete, constitui exceção, com muitas marcas com nomes simples (servis?) e um único possível caso de *tria nomina*. Há numerosos exemplares de punções distintos, designadamente entre as peças marcadas GERMANI. No vale do Sado os centros produtores marcam as suas peças, por norma, *in flexo*, constituindo exceção o Zambujalinho, Palmela, não só pela quantidade e variedade das marcas, mas por estas surgirem aplicadas *in ansa*. Nos restantes centros oleiros sadinos conhecemos uma ou duas marcas por centro produtor, com a peculiaridade interessante de ser a mesma a letra do *nomen*, nos casos em que existem duas marcas diferentes em um único centro oleiro.

O centro oleiro do Morraçal da Ajuda, Peniche e de S. Bartolomeu de Castro Marim marcaram os seus materiais *in colo* facta nunca registado, nas olarias do Sado. Uma vez mais, o Porto dos Cacos distingue-se por apresentar uma apreciável variedade na posição das marcas, não havendo qualquer possibilidade de assimilar distintas posições e marcas específicas.

As marcas com *tria nomina*, para além de documentarem claramente o carácter romano da produção, sugerem que tais identificações se relacionassem mais com o proprietário do centro oleiro ou (com menor verosimilhança) do conteúdo transportado pelas ânforas, do que propriamente com os artífices. Uma vez mais, o caso do Porto dos Cacos constitui a exceção, uma vez que somente em uma das marcas se poderá vislumbrar a onomástica típica de um cidadão. No que diz respeito aos grafitos, a principal característica do conjunto lusitano é a diversidade do repertório identificado, nomeadamente no tocante ao conjunto dos signos alfabéticos. Neste domínio específico é evidente uma grande variedade de letras, podendo dizer-se que se encontra representado quase todo o alfabeto. Esta particularidade é especialmente visível nos sítios do Vale do Sado, em especial em Abul. Também o repertório de sequências é substancialmente enriquecido com os exemplares provenientes dessa área. Neste aspecto há, claramente, um contraste com a situação conhecida nos achados béticos do Testaccio, onde os signos isolados ou um grupos de dois são raros e pouco variados⁹².

⁹¹ A. M. D. DIOGO, Fornos de ânforas do Monte..., 149, nota 1.

⁹² G. GARCÍA BROSA, *et alii* (2001) - Los grafitos del siglo III (Campañas de 1989, 1991 y 1992), J. M. BLÁZQUEZ; J. REMESAL (eds.), *Estudios sobre el el Testaccio (Roma), II*, (Instrumenta 10), Barcelona, 312-314.

Observa-se, pois, uma divergência na relação entre as indicações de tipo numérico e os signos alfabéticos, não apenas ao comparar-se a área de produção lusitana com as restantes, como, em certa medida, dentro dela própria. Constatou-se, especificamente, que os grafitos numéricos são claramente predominantes em sítios como o Porto dos Cacós e o Zambujalinho, enquanto a situação inversa se verifica em Abul, onde dominam os alfabéticos.

Em sentido contrário, regista-se uma clara afinidade entre os grafitos de origem bética e lusitana, no que respeita aos de natureza numeral (v. Quadro III). Esta analogia é evidente, em primeiro lugar, no uso de um grupo restrito de numerais, isto é, na existência de dois conjuntos: o das primeiras dezenas e a sequência a partir de cem. Para além disso, verifica-se o recurso predominante a múltiplos de 5 e dez. Parece claro que esta afinidade não é ocasional - tem que ver com a própria organização do trabalho nas olarias e com a natureza dos grafitos e seu papel nesse processo⁹³.

Mas, talvez ainda mais surpreendente seja a circunstância de se constatar uma tão clara proximidade na ocorrência de símbolos. Embora em ambos os casos sejam manifestamente minoritários, a pequena amostra proporciona nos dois casos tridentes, serpenteados e palmas como elementos majoritários⁹⁴. Uma vez que se trata, por natureza, de elementos onde as eventuais coincidências deveriam ser muito menos prováveis, este aspecto pode dar um outro significado às semelhanças gerais entre as duas áreas produtoras.

Para terminar, sublinhe-se uma vez mais que as presentes considerações constituem uma primeira abordagem de carácter genérico, mas preliminar, que deverá ser aprofundado em futuros trabalhos, quer por um tratamento sistemático da informação disponível, quer pelo inventário de outras situações ainda não documentadas, bem entendido, para além do que a futura investigação vier a revelar.

⁹³ A. GUERRA, El proyecto OREST y la epigrafía...

⁹⁴ G. GARCÍA BROSÁ *et alii*, Los grafitos del siglo III... , 315, 335-338.

